

O Espaço que está na periferia de uma estrutura corporal não está separado do Espaço que está na periferia de qualquer outra estrutura corporal. O Espaço tampouco é perturbado pela existência, aqui, dos nossos corpos; nem pelo fato de que eles se tornam maiores, ou menores, mais velhos, ou mais jovens, ou pelo fato de que estejam chegando ou saindo.

Em última análise, de onde que surgiram estes corpos? Do Espaço. Onde eles existem agora? No Espaço. Para onde irão, depois que se dissolverem? Para o Espaço.

Aquilo em nós que vive e que pensa é parte do Espaço eterno, indivisível e abrangente.

O sol pode ser visto como símbolo do Espírito, e a lua como símbolo da matéria. Ambos estão no Espaço; há muita amplitude em torno deles, e, no entanto, há uma diferença colossal entre o sol e a luz do sol; e entre a lua e a luz da lua.

Se o sol fosse dissolvido, ele só poderia ser dissolvido no Espaço. Quando o sol surgiu, ele surgiu do Espaço, e enquanto ele existir, ele deve existir no Espaço. Por mais longa que seja a sua vida, o sol teve um começo, e terá um final. Onde ocorrerá este final? No Espaço. Seja qual for a ação de qualquer planeta, de qualquer partícula de pó ou molécula, ou ser humano, onde ela ocorre? No Espaço.

O Espaço é um símbolo da Divindade onipresente, e a Divindade não pode ser representada de outra maneira. Pensar que nós mesmos - nossos eus e nossas consciências - somos porções indivisíveis de Espaço, é ter diante da mente de certo modo uma imagem do que é imortal, e da unidade de toda a Vida. Isso nos leva a reconhecer que é errado considerar como reais as coisas e objetos que existem no Espaço, ao invés de considerar como real o Espaço, do qual todas as coisas vieram, no qual todas elas vivem, e ao qual todas elas devem retornar.

Devemos deixar de lado esta falsa ideia.

Quando observamos os objetos no Espaço, vemos que a amplitude dele tem lugar suficiente para abrigar um bilhão de gerações de todos os seres que peregrinam solitários ao longo dos campos mais vastos. Qualquer ser humano, por mais "comum" que seja a sua mente, pode compreender, portanto, que o Espaço não é um vazio. O Espaço está cheio de almas.

Nós conhecemos aqui apenas uma combinação, um composto feito de barro, que une Espírito, Alma, mente e corpo. E a mente e o corpo obscurecem a luz do Espírito e da Alma, da mesma forma que as emanções terrestres podem obscurecer o sol do meio-dia.

De que modo um ser humano consegue peregrinar à vontade através das infinitudes do Espaço, tendo a companhia das almas por toda parte e vivendo em comunhão com elas? De que modo poderia tal ser humano usar imagens ilimitadas, parábolas e símbolos, para falar a nós sobre as únicas realidades que existiram, existem e existirão no futuro?

Abençoadas são aquelas almas que habitam o Espaço invisível e que usam corpos não-corporais.

Infelizes são as almas que habitam o Espaço usando formas objetivas, e que pensam em si mesmas como se fossem apenas um corpo e tivessem apenas uma mente!

Lições das Cartas dos Mahatmas

Em Dez Passagens Seleccionadas, Mestres Mostram o Caminho Espiritual Sem Ilusões

Um Estudante de Teosofia

Reproduzimos a seguir trechos das cartas dos sábios orientais que inspiraram a criação do movimento teosófico moderno em sete de setembro de 1875.

Comentários explicativos antecedem cada trecho.

1) O primeiro fragmento mostra que a noção de dever é sagrada e fundamental para os seres que transcenderam a atual etapa da humanidade. A citação também revela que a ideia de que **“viver é aprender”** se aplica a todos os seres. Embora os mestres de Sabedoria tenham esgotado basicamente o aprendizado humano, eles continuam aprendendo sobre a vida universal e possuem os Seus próprios mestres. Diz o sábio dos Himalaias:

“... Meu primeiro dever é para com o *meu* Mestre. E o dever, deixe-me dizer-lhe, é para nós mais forte do que qualquer amizade ou mesmo amor; já que sem este princípio permanente, o cimento indestrutível que tem unido durante tantos milênios os guardiães esparsos dos grandes segredos da natureza - nossa Fraternidade, e mais, a nossa própria doutrina - teriam se desmanchado há muito em átomos irreconhecíveis.”

(“Cartas dos Mahatmas”, Ed. Teosófica, Brasília, volume 2, Carta 126, p. 273.)

2) Em seguida temos um trecho que é considerado por alguns teosofistas como “um resumo do discipulado”. O estudante deve lê-lo várias vezes, observando repetidamente cada uma das suas ideias, até começar a perceber as camadas mais profundas de significado. Um iogue dos Himalaias afirma:

“Já foi dito a você (.....) que o caminho para as Ciências Ocultas tem de ser trilhado laboriosamente e percorrido com perigo de vida; que cada novo passo nele, que leva à meta final, é rodeado por armadilhas e espinhos cruéis; que o peregrino que se aventura por ele é obrigado primeiro a confrontar e *vencer* as mil e uma fúrias [1] que guardam seus portões e sua entrada adamantinos [2] - fúrias chamadas Dúvida, Ceticismo, Desprezo, Ridículo, Inveja e finalmente Tentação - especialmente a última; e que aquele que quiser ver *mais além* tem primeiro de destruir este muro vivo; deve ter um coração e uma alma vestidos de aço e uma determinação de ferro, que nunca falha, e no entanto deve ser amável e gentil, humilde, e deve ter expulsado do seu coração toda paixão humana, que leva ao mal.”

(“Cartas dos Mahatmas”, volume 2, Carta 126, p. 274.)

3) O trecho a seguir avança na mesma linha. Deixando de lado as ilusões, ele amplia a visão do caminho teosófico como uma missão e um desafio em que não faltam obstáculos:

“Olhe ao seu redor, meu amigo: veja os ‘três venenos’ devastando o coração dos homens - o ódio, a cobiça e a ilusão; e as cinco escuridões: a inveja, a paixão, a hesitação, a preguiça e a descrença, sempre impedindo-os de ver a verdade. Eles nunca se verão livres da poluição dos seus corações vaidosos e maldosos, nem perceberão a parte espiritual que há neles mesmos. Irá você tentar - para diminuir a distância entre nós - libertar-se da rede da vida e da morte em que todos eles estão presos?”

(“Cartas dos Mahatmas”, volume I, Carta 47, p. 214)

4) O trecho numero quatro talvez seja um dos mais significativos de todo o acervo de cartas de que dispõe a literatura teosófica.

Ele mostra a necessidade de optar entre dois caminhos. Um deles é fácil. O outro coberto de desafios e dificuldades:

“Um chela em provação tem permissão para pensar e fazer o que quiser. Ele é advertido e informado previamente: ‘Você será tentado e enganado pelas aparências; dois caminhos se abrirão diante de você, os dois levando à meta que você está tentando alcançar; um, fácil, e este o levará mais rapidamente ao cumprimento das ordens que você pode receber; o outro, mais árduo, mais longo; um caminho cheio de pedras e espinhos que o farão pisar em falso mais de uma vez; e no final do qual você pode, talvez, chegar a um fracasso, depois de tudo, e ser incapaz de executar as ordens dadas para um pequeno trabalho particular - mas, enquanto este caminho fará com que as dificuldades enfrentadas por você devido a ele sejam todas contabilizadas a seu favor a longo prazo, o outro, o caminho fácil, só pode oferecer a você uma gratificação momentânea, uma realização fácil da tarefa’. O chela tem toda liberdade, e freqüentemente muitas razões, do ponto de vista das aparências, para suspeitar que seu Guru é ‘um impostor’, uma palavra elegante. Mais que isso: quanto maior e mais sincera sua indignação - seja ela expressada com palavras ou esteja fervendo em seu coração - tanto mais adequado ele é, e mais qualificado para tornar-se um *adepto*. Ele é livre para usar, e não terá que responder pelo fato de empregar até mesmo as palavras e expressões mais abusivas em relação às ações e ordens do seu guru, uma vez que ele saia vitorioso da provação; uma vez que ele resista a todas e cada uma das tentações; que rejeite todas as seduções; e comprove que nada, nem mesmo a promessa daquilo que ele considera mais valioso que a vida, daquela *bênção* extremamente preciosa, seu futuro adepto - é capaz de fazer com que ele se desvie do caminho da verdade e da honestidade, ou forçá-lo a tornar-se um *enganador*.”

(“Cartas dos Mahatmas”, volume I, pp. 343-344).

5) A próxima passagem das Cartas mostra que é indispensável estabelecer uma linha de coerência entre o sonho do ideal e as ações práticas da vida cotidiana. Além disso, sugere a ideia de que a humanidade está hoje a um passo de uma nova era que será marcada pela paz e pela sabedoria.

Diz o Mestre:

“Aquele que quiser erguer alto a bandeira do misticismo e proclamar que o seu reino está próximo tem que dar o exemplo aos outros. Ele deve ser o primeiro a mudar os seus próprios modos de vida; e, com relação ao fato de que o estudo dos mistérios ocultos é o degrau mais alto da escada do Conhecimento, tem que proclamar isso em voz alta, apesar da ciência exata e da oposição da sociedade. O Reino do Céu é obtido pela força, dizem os místicos cristãos.”

(“Cartas dos Mahatmas”, volume I, Carta 2, p. 43)

6) O trecho número seis permite compreender que os contatos verbais e externos entre os Mestres de Sabedoria e a humanidade ocorreram experimentalmente e como uma exceção à regra durante os primeiros anos do movimento teosófico, tendo cessado no final do século 19. As “canalizações”, começadas sob a liderança de Annie Besant e outras pessoas desinformadas, pertencem ao ramo da fantasia. As palavras do Mestre se referem nesta passagem à Sociedade Teosófica original, que deixou de existir poucos anos após a morte de Helena Blavatsky, devido à fragmentação do movimento provocada por Annie Besant.

O desafio de curto prazo de que fala o Mestre na Carta foi superado, e os Mahatmas continuaram em contato externo e verbal com alguns teosofistas durante mais algum tempo.

Foi a Carta de 1900 - disponível em www.FilosofiaEsoterica.com sob o título de “**A Carta de 1900, na Íntegra**” - que estabeleceu o silêncio final. A mesma carta antecipou, profeticamente, o abandono da verdadeira teosofia por parte da Sociedade de Adyar.

Diz o Mestre, formulando já nos anos 1880 uma advertência preliminar:

“Dentro de mais alguns meses terminará o período de provação [3]. Se naquele momento a posição da Sociedade em relação a nós - a questão dos ‘Irmãos’ - não tiver sido resolvida definitivamente (seja eliminando-a do programa da Sociedade ou aceitando as nossas condições), não haverá mais notícias dos “Irmãos” de quaisquer formas, cores, tamanhos ou graus. Desapareceremos da vista do público como um vapor desaparece no oceano. Só àqueles que provaram ser fiéis a nós e à verdade em todos os momentos será permitido contato futuro conosco. E nem mesmo eles, a menos que, desde o presidente para baixo, prometam, com os mais solenes compromissos de honra, guardar um segredo inviolável, de agora em diante, sobre nós, sobre a Loja [4] e os assuntos tibetanos, e não responder sequer perguntas dos seus amigos mais próximos, embora o silêncio possa, provavelmente, dar a aparência de que tudo que foi revelado seja ‘fraude’.”

(“Cartas dos Mahatmas”, volume I, pp. 207-208.)

7) No sétimo trecho, o Mestre avalia o processo da correspondência com seu discípulo leigo Alfred P. Sinnett. A correspondência serviu como base para o livro “O Mundo Oculto” (publicado em português pela Editora Teosófica) e para a obra “O Budismo Esotérico” (disponível pela Editora Pensamento).

O mestre admite que os livros ficaram aquém do esperado, e atribui isso ao fato de que Sinnett não havia passado por nenhuma grande iniciação. Em seguida, o mestre afirma que é

necessário alguém ter alcançado a terceira iniciação para escrever corretamente sobre assuntos ocultos e temas cósmicos. Sabendo-se que mais tarde os Mestres destinaram a H.P. Blavatsky a tarefa de escrever sobre estes temas, na obra “A Doutrina Secreta”, pode-se deduzir que H. P. B. tinha, pelo menos, a terceira grande iniciação.

Diz o trecho da Carta do Mestre:

“Quando começou a nossa primeira correspondência, não havia nenhuma idéia sobre quaisquer publicações que fossem baseadas nas respostas que você recebesse. Você continuou colocando perguntas ao azar, e as respostas - que foram sendo dadas em ocasiões diferentes para perguntas desconjuntadas, e, digamos, sob um semiprotesto - eram necessariamente imperfeitas, muitas vezes em vários aspectos. Quando foi permitida a publicação de algumas delas em *O Mundo Oculto*, esperava-se que alguns dos seus leitores fossem capazes, como você, de montar todas as peças e desenvolver a partir delas o esqueleto, ou uma sombra do nosso esquema, o qual, embora não fosse exatamente o original - isto seria uma impossibilidade - constituiria uma abordagem tão próxima dele quanto possível para um não-iniciado. Mas os resultados foram quase desastrosos! Nós havíamos feito uma experiência e fracassado lamentavelmente! Agora vemos que ninguém, exceto aqueles que passaram pelo menos pela sua terceira iniciação, é capaz de escrever de modo compreensível sobre estes assuntos. Herbert Spencer teria feito uma confusão nas circunstâncias em que você atuou. Mohini certamente não está de todo correto, em alguns detalhes ele está claramente errado, mas você também está, meu velho amigo, embora o leitor externo não seja o mais capacitado a perceber, e ninguém, até agora, tenha reparado nos erros realmente vitais em *O Budismo Esotérico* e em *Man* [5], e provavelmente ninguém o fará.”

(“Cartas dos Mahatmas”, volume II, Carta 128, p. 282)

8) O oitavo trecho mostra que o verdadeiro movimento teosófico não está preso a nenhuma organização. Ele transcende qualquer agrupamento de pessoas, porque a sabedoria e a ética universais são intuitivas e podem surgir em todo lugar:

“A Europa é grande, mas o mundo ainda é maior. O sol da Teosofia tem que brilhar para todos, não para uma parte. Há muito mais neste movimento do que o que você percebeu até agora...”

(“Cartas dos Mahatmas”, volume I, p. 220, Carta 48.)

9) Os trechos nove e dez pertencem à mesma Carta. No nono trecho, vemos como os discípulos eram testados e treinados em épocas anteriores à nossa:

“Meu amigo, nas Lojas Maçônicas dos tempos antigos, o neófito era submetido a uma série de testes espantosos, em que estavam em jogo a sua constância, sua coragem e sua presença de espírito. Através de impressões psicológicas provocadas por máquinas e substâncias químicas, ele era levado a acreditar que estava caindo em precipícios, que seria esmagado por rochas, que caminhava através de pontes de teia de aranha no meio do ar, que atravessava fogo, que se afogava na água e era atacado por animais selvagens. Esta era uma reminiscência e um programa tomado por empréstimo dos Mistérios Egípcios.[6] Como o Ocidente havia perdido os segredos do Oriente, ele tinha, digamos,

que fazer uso de um artifício. Mas nos dias atuais a vulgarização da ciência tornou obsoletos estes testes triviais.”

(“Cartas dos Mahatmas”, volume II, Carta 136, p. 316.)

10) O décimo trecho continua o anterior. Aqui o Mestre indica de que modo se desdobra o discipulado desde a criação do movimento teosófico moderno, em 1875. O fato antecedeu e preparou o ingresso da humanidade na era de Aquário, o que ocorreu no ano de 1900.

Fica claro que os rituais são inúteis, porque o desafio é o autoconhecimento na linha da Raja Ioga:

“O aspirante é agora atacado inteiramente no lado psicológico da sua natureza. O processo de testes - na Europa e na Índia - é o da Raja Ioga, e o seu resultado é, como tem sido explicado freqüentemente, o desenvolvimento de todos os germes, bons e maus, que há nele e em seu temperamento. A regra é inflexível, e ninguém escapa, quer ele apenas escreva uma carta para nós, ou formule, na privacidade do seu próprio coração, um forte desejo de comunicação e conhecimento ocultos. Assim como a chuva não pode fazer frutificar a rocha, tampouco o ensinamento oculto surte efeito sobre a mente que não é receptiva; e assim como a água aumenta o calor da cal cáustica, também o ensinamento coloca em impetuosa ação todas as insuspeitadas potencialidades latentes no aspirante.

(“Cartas dos Mahatmas”, volume II, Carta 136, mesma p. 316.)

NOTAS:

[1] Fúrias - na mitologia clássica, divindades femininas que puniam crimes, instigadas pelas vítimas, e vingavam os deuses.

[2] Adamantinos - isto é, feitos de diamante.

[3] Provação: isto é, o período de teste ou experiência.

[4] Loja dos Adeptos.

[5] “*Man*” - Menção ao livro “*Man: Fragments of Forgotten History*” (Homem: “Fragmentos de Uma História Esquecida”), escrito por Mohini Chatterjee e Laura Holloway e publicado nos anos 1880.

[6] Cabe destacar neste ponto que o “rito egípcio” inventado artificialmente por líderes da Sociedade de Adyar na primeira metade do século vinte nada tem a ver com a tradição egípcia, embora dela faça em parte uma imitação ingênua, e não possui qualquer relação tampouco com o Rito Egípcio da maçonaria de Alessandro Cagliostro, na França do século 18. Cagliostro foi um sábio e trilhou um caminho autêntico.

Preceitos do Caminho da Sabedoria

Dezessete Recomendações Para Quem Busca Aprender a Viver

A edição de agosto de 2011 de “O Teosofista” publicou as primeiras linhas do pequeno livro “Luz no Caminho”, de Mabel Collins [1], traduzindo-as diretamente da edição original em inglês.

“Luz no Caminho” é um dos maiores clássicos teosóficos de todos os tempos, e reúne axiomas e regras a serem seguidos pelos aprendizes da sabedoria esotérica. O trecho traduzido em agosto trouxe o parágrafo inicial da obra, a primeira regra e o comentário a ela. Traduzimos agora as 17 primeiras regras da parte I do livro, deixando de lado o comentário à primeira regra. Colocamos em itálico, entre colchetes, as notas de pé de página das regras 5 e 17.

As 17 Regras Iniciais de “Luz no Caminho”:

1. Mata a ambição.
2. Mata o desejo de viver.
3. Mata o desejo de conforto.
4. Trabalha como aqueles que são ambiciosos. Respeita a vida como aqueles que a desejam. Deves ser feliz como aqueles que vivem em função da felicidade.

Procura no coração a origem do mal e elimina-a. Ela vive no coração do discípulo devotado assim como no coração do homem de desejos. Só os fortes podem matá-la. Os fracos devem esperar que ela cresça, dê frutos, e morra. E ela é uma planta que vive e cresce ao longo de todas as idades. Ela floresce quando o homem acumulou em si inúmeras existências. Aquele que quiser ingressar no caminho do poder deve eliminar essa coisa do seu coração. E então o coração sangrará, e toda a vida do homem parecerá dissolver-se completamente. Esta provação deve ser suportada. Ela pode vir no primeiro degrau da perigosa escada que leva ao caminho da vida: ou pode surgir só no último. Mas, ó discípulo, lembra que ela deve ser suportada, e reúne as energias da tua alma para enfrentar esta tarefa. Não vivas no presente nem no futuro, mas no eterno. Esta erva daninha gigantesca não pode florescer lá; a sua mancha na existência é eliminada pela atmosfera do pensamento eterno.

5. Mata todo sentido de separação.

[Nota: Não penses que podes permanecer afastado do homem maldoso ou do tolo. Eles são tu mesmo, embora em uma proporção menor que o teu amigo ou teu mestre. Mas se deixares que cresça em ti a ideia de separação em relação a qualquer coisa ou pessoa má, ao fazer isso criarás um Karma que te amarrará a aquela coisa ou pessoa até que a tua alma reconheça que não pode ficar isolada. Lembra que o pecado e a vergonha do mundo são o teu pecado e a tua vergonha; porque tu és parte do mundo; o teu Karma está inevitavelmente ligado ao grande Karma. E antes que tu possas alcançar o Conhecimento deves ter passado por todos os lugares, puros ou impuros. Lembra, portanto, que a roupa suja que evitas tocar pode ter sido tua no dia de ontem, ou poderá ser tua amanhã. E se te afastares dela com horror quando for lançada sobre teus ombros, ela te seguirá com mais força. O homem que

se considera um justo prepara para si mesmo um leito de lama. Abstém-te porque é correto abster-te, e não para manter-te limpo.]

6. Mata o desejo de sensação.

7. Mata a fome de crescimento.

8. No entanto, conserva-te sozinho e isolado, porque nada que está corporificado, nada que tem uma consciência de separação, nada que está fora do eterno, pode ajudar-te. Aprende com a sensação e observa-a, porque só assim começarás a obter a ciência do autoconhecimento e colocarás o pé no primeiro degrau da escada. Cresce como a flor, inconscientemente, porém com uma forte ansiedade por abrir a sua alma para o ar. Assim também tu deves fazer um esforço para ir adiante e abrir a tua alma em direção ao eterno. Mas é o eterno que deve fazer despertar a tua força e a tua beleza, e não o desejo de crescimento. Porque no primeiro caso tu te desenvolves em grande pureza, mas no segundo caso tu ficarás insensível devido à busca de destaque pessoal.

9. Deseja apenas aquilo que está dentro de ti.

10. Deseja apenas aquilo que está além de ti.

11. Deseja apenas aquilo que é inalcançável.

12. Porque dentro de ti está a luz do mundo - a única luz que pode iluminar o Caminho. Se fores incapaz de percebê-la dentro de ti, será inútil procurar fora. Ela está além de ti; porque quando a tocares terás perdido a ti mesmo. Ela é inalcançável, porque sempre recua. Tu entrarás na luz, mas nunca tocarás a chama.

13. Deseja o poder ardentemente.

14. Deseja fervorosamente a paz.

15. Deseja posses, acima de tudo.

16. Mas estas posses devem pertencer apenas à alma pura, e devem ser propriedade, portanto, de todas as almas puras, e devem constituir uma posse específica do todo apenas quando houver unidade. Deves ansiar pelas posses que podem ser obtidas por uma alma pura, de modo que possas acumular riquezas para aquele espírito unificado da vida que é o teu único verdadeiro eu. A paz que deves desejar é aquela paz sagrada que nada pode perturbar, e na qual a alma cresce como cresce a flor sagrada nas lagoas de águas imóveis. E o poder que o discípulo deve desejar é o poder que o fará parecer nada aos olhos dos homens.

17. Procura o caminho.

[Nota: Estas três palavras talvez pareçam demasiado óbvias para constituírem uma regra. O discípulo pode dizer: "Por que eu iria estudar estes pensamentos, a menos que tivesse interesse em buscar o caminho?" No entanto, não sigas adiante apressadamente. Faz uma pausa e pensa um pouco. Será o caminho o que tu desejas, ou há na tua visão uma pálida perspectiva das grandes alturas que alcançarás por mérito próprio, e de um futuro grandioso

que deverás conquistar? Permanece alerta. O caminho deve ser buscado por si mesmo, e não pelo fato de que os teus pés irão percorrê-lo.

Há uma correspondência entre esta regra e a regra dezessete da segunda série. [2] Depois de eras de luta e muitas vitórias, quando a batalha final for vencida e for exigido o segredo final, tu estarás pronto para um caminho mais adiantado. Quando for revelado o segredo final desta grande lição, nele se abrirá o mistério do novo caminho - uma trilha que leva até além de toda experiência humana e que transcende a percepção ou imaginação humana. A cada um destes pontos, é necessário fazer uma longa pausa e pensar bem. A cada um destes pontos, é preciso ter certeza de que o caminho é escolhido por si mesmo. O caminho e a verdade vêm primeiro; depois vem a vida.]

NOTAS:

[1] “Light on the Path”, Mabel Collins, Theosophy Company, Mumbai, India, 90 páginas.

[2] A regra 17 da segunda série de regras, em “Luz no Caminho”, recomenda ao discípulo que procure conhecer o segredo último, que o levará até além da condição humana.

Movimento Necessita Renovação

Sociedade de Adyar em Portugal Está Quase Estagnada

Joaquim Soares

A importância da Sociedade Teosófica de Adyar para o movimento teosófico é evidente. Uma grande parte dos teosofistas a nível mundial pertence a esta secção do movimento.

Desde os anos de 1890 que a Sociedade de Adyar se tem vindo a afastar progressivamente das linhas originais estabelecidas por HPB, perdendo o seu fulgor e vitalidade. O mesmo acontece com muitas das secções nacionais da Sociedade de Adyar, incluindo Portugal.

Apesar disso, e durante alguns anos, em particular durante a década de 1990, um punhado de teosofistas dedicados conseguiu restabelecer o estudo sério da Teosofia autêntica em Portugal. Nesse período, a Sociedade Teosófica de Portugal foi retirada do estado letárgico em que permanecia há décadas.

Uma excelente revista (“Portugal Teosófico”) começou a circular com um número crescente de leitores. Várias publicações de qualidade foram produzidas e o número de actividades cresceu exponencialmente, ajudado pelo dinamismo de vários ramos teosóficos então activos.

Pela primeira vez, as obras de HPB, as Cartas dos Mahatmas e outros grandes clássicos da literatura teosófica começaram a ser estudados, discutidos e conhecidos por um número cada vez maior de leitores.

No entanto, novos elementos, mais próximos da pseudo-teosofia promovida por Adyar, acabaram por tomar o lugar na direcção da STP. Hoje em dia a STP encontra-se praticamente

